

A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA E O RENDIMENTO ESCOLAR

LEITÃO, Fagner Menezes¹

Professora Orientadora: Ms. Aline Ap. Perce Eugenio²

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo verificar se a participação dos responsáveis interfere no rendimento escolar dos estudantes, bem com o verificar se esta participação muda ao longo dos ciclos escolares. Os dados deste trabalho foram obtidos a partir da análise dos boletins escolares dos alunos de uma escola municipal da cidade de São Paulo, no qual pudemos verificar o rendimento dos alunos em todas as disciplinas e a frequência dos responsáveis nas reuniões. De acordo com os resultados, foi possível concluir que a presença dos responsáveis nas reuniões influencia de certa forma no rendimento escolar e na aprovação. Os alunos que apresentam um melhor rendimento escolar são aqueles cujos responsáveis são mais frequentes. Já os menos frequentes são os responsáveis pelos alunos reprovados e de menor desempenho. Além disso, a frequência dos responsáveis varia ao longo dos ciclos escolares, sendo maior nos ciclos de alfabetização e interdisciplinar, diminuindo drasticamente após o ingresso no ciclo autoral. Os resultados são alarmantes, visto que, cerca de três em cada dez responsáveis vão a apenas uma ou nenhuma reunião no ciclo de alfabetização e interdisciplinar; esses números são ainda mais críticos no ciclo autoral, sendo que metade dos responsáveis vai a apenas uma ou nenhuma reunião. Essa pesquisa se propôs

¹ Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade de Santo Amaro (UNISA). fagner_bio@hotmail.com. Artigo apresentado como exigência parcial para obtenção do título de especialista em Psicopedagogia; concluído em Fevereiro/2017. Universidade de Santo Amaro (UNISA).

² Mestre em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP); coordenadora do curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional na Universidade de Santo Amaro (UNISA). apeugenio@unisa.br

a investigar apenas um dos possíveis fatores para o baixo desempenho escolar, contudo diversos outros fatores não investigados por esse trabalho como as questões sociais e as políticas públicas podem ser os responsáveis pelo o insucesso escolar, visto que, as causas e consequências deste são complexas e muitas vezes particulares de cada individuo inserido em uma sociedade. Investigar a importância do acompanhamento da família no desenvolvimento educacional dos estudantes, além do efeito desta participação pode nos trazer dados importantes da realidade. Sabe-se que a falta de prática e de acompanhamento do desenvolvimento dos filhos por parte dos pais, geram diversos problemas educacionais, desde comportamento e de baixo rendimento escolar.

Palavras – chave: Participação Familiar, Aprendizagem, Rendimento Escolar.

INTRODUÇÃO

A sociedade tem passado por transformações sociais e culturais muito importantes nos últimos tempos. Os relacionamentos entre indivíduos no meio familiar e as novas concepções familiares, refletem em larga escala essas mudanças.

Historicamente as concepções familiares foram sofrendo profundas transformações. No Brasil-Colônia, marcado pela escravidão e pela produção rural para as exportações, percebemos um modelo de família extensa e patriarcal, onde os casamentos baseavam-se em interesses econômicos e a mulher era destinada aos afazeres domésticos e à educação dos filhos.

Segundo, Tiba (1996 p. 66-67):

Nas últimas três décadas, a tradicional divisão de papéis entre o homem e a mulher sofreu grandes alterações. Atualmente, ambos já não recebem mais uma educação formal tão diferenciada. As moças pleiteiam as mesmas faculdades e ocupam espaços cada vez maiores no mercado de trabalho.

Com isso, a clássica divisão de tarefas pai/provedor, mãe/rainha do lar foi modificada [...]. Isso é muito bom! A mulher poderia aproveitar essa percepção para iniciar um movimento que lhe garantisse uma posição melhor no mundo. O problema surge quando, por não enfrentar esse contexto novo com tranquilidade, a mãe começa a se cobrar e a querer fazer coisas demais, como uma espécie de punição por ter abandonado os filhos, passando tanto tempo fora de casa. Se, por um lado, a mãe que trabalha fora leva a vantagem de poder enxergar como se sobrecarrega e cria filhos folgados, por outro, corre o risco de exagerar e aumentar ainda mais a sua carga, por julgar que sua ausência lesa as crianças.

No final do século XX, as mudanças sociais fizeram com que pais e mães passassem a dividir a tarefa de educar os filhos, entretanto esses pais começaram a ir atrás de algo chamado “busca da qualidade de vida”, eles foram em busca de melhores condições financeiras para suprir as necessidades básicas, esquecendo-se de, em muitos casos, de participar da educação dos filhos. Além disso, a pressão social começou a impor ritmos mais frenéticos, no qual a competitividade obrigou que a produção fosse cada vez maior, o que ocasionou na diminuição do tempo de convívio familiar. A falta de tempo, os desencontros e a solidão têm sido graves dificuldades para os adultos dentro de suas casas. Os novos valores sociais, relacionados aos bens de consumo e ao dinheiro, fizeram com que se aumentasse, ainda mais, a distância no convívio familiar e o estresse pelo trabalho excessivo. O trabalho é necessário, contudo, é preciso assegurar um local aprazível, no qual as relações sejam agradáveis e confiáveis (CASARIN, 2007).

Em função destas pressões e transformações sociais, a tarefa de educar as crianças começou a ser atribuída à escola, já que as figuras parentais começaram a ficar desgastadas dentro do meio familiar, e conseqüentemente ocasiona uma defasagem na educação dos filhos. A instituição escolar começou a enfrentar desafios complexos e contemporâneos, que em outras décadas eram restritos à discussão doméstica. Segundo, Eizirik (2001), a instituição escolar funciona como verdadeira vitrine da família, mostrando as relações familiares, refletindo o que pode estar dando certo e o que não pode.

Além disso, diversos outros obstáculos impedem ou afastam o envolvimento das famílias no processo educativo, entre eles: a existência de uma cultura escolar que acentua a separação; uma cultura pedagógica que acentua uma linguagem técnica; rituais e formalismos que afastam as famílias

dos assuntos escolares; escassez de espaços e de tempos para o diálogo e o intercâmbio com as famílias; falta de preparação dos professores para lidarem com os problemas de comunicação, envolvimento, participação e criação de projetos de colaboração (DAVIES; JOHNSON, 1996).

De acordo com Vygotsky (1991), o processo de desenvolvimento e aprendizagem, pode ser compreendido como a distância entre o que o sujeito é capaz de aprender, em seu desenvolvimento regular, e aquilo que ele não consegue desenvolver sozinho, mas consegue realizar no contexto da interação com o meio, na mediação com o outro. Por esta razão, ambas as instituições precisam atuar em harmonia no contexto desta interação.

A família, presente em todas as sociedades, é um dos primeiros ambientes de socialização do indivíduo, atuando como mediadora principal dos padrões, modelos e influências culturais (AMAZONAS; DAMASCENO; TERTO & SILVA, 2003); É também considerada a primeira instituição social que, em conjunto com outras, busca assegurar a continuidade e o bem estar dos seus membros e da coletividade, incluindo a proteção e o bem estar da criança.

A família é vista como um sistema social responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados que estão presentes nas sociedades (KREPPNER, 2000). Ela tem, portanto, um impacto significativo e uma forte influência no comportamento dos indivíduos, especialmente das crianças, que aprendem as diferentes formas de existir, de ver o mundo e construir as suas relações sociais.

Diante de todas essas perspectivas, a criança ou adolescente não apresenta maturidade suficiente para enfrentar suas dificuldades sem a presença e os limites colocados pelo adulto, o que é agravado ainda mais pela falta de tempo, de prática e de acompanhamento da família no processo de ensino aprendizagem, o que gera exemplos distorcidos de modelos de ensino aprendizagem. (CASARIN, 2007).

Nesse sentido, podemos destacar cinco aspectos do processo de funcionamento da família que são considerados fundamentais para promover a integração entre a vida familiar e a vida escolar são eles: a interação verbal entre a mãe e a criança; o relacionamento afetivo positivo entre os pais e a criança; as crenças e as influências dos pais sobre os filhos; as estratégias disciplinares e de controle e as expectativas dos pais. Esses aspectos vão determinar as relações e os modelos de ensino aprendizagem dentro da escola.

A importância e a influência da família como agente educativo é inquestionável. O estabelecimento de um vínculo afetivo saudável entre os pais e seus filhos pode desencadear o desenvolvimento de padrões interacionais positivos e de repertórios salutareos para enfrentar as situações cotidianas, o que permite um ajustamento do indivíduo aos diferentes ambientes em que ele está inserido. (MARQUES, 2002).

A escola constitui-se num contexto, no qual as crianças investem seu tempo, envolvem-se em atividades diferenciadas ligadas às tarefas formais (pesquisa, leitura dirigida, por ex.) e aos espaços diferenciados de aprendizagem (hora do recreio, excursões, atividades de lazer). Neste ambiente, a criança desenvolve partes das suas necessidades cognitivas, psicológicas, sociais e culturais.

Por esses motivos, essa pesquisa procurou demonstrar a relevância da família no acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem, na intenção de produzir uma reflexão da importância de se desenvolver ferramentas que permitam uma maior relação entre as duas instituições, uma vez que a aprendizagem se dá em um processo, no qual a família e a Instituição Escolar têm responsabilidades coesas e definidas.

1. Objetivo

O objetivo deste trabalho é verificar se a participação dos responsáveis interfere no rendimento escolar dos estudantes, bem como verificar se essa participação muda ao longo dos ciclos escolares.

2. Método

O levantamento de dados deste trabalho foi realizado na Escola Municipal do Ensino Fundamental Coronel Palimércio de Rezende, localizada na cidade de São Paulo. Foi realizada pesquisa documental de todos os três ciclos do ensino fundamental (Autorial, interdisciplinar e alfabetização), tendo sido analisadas duas turmas de cada um dos seguintes anos: 9º ano, 8º ano, 7º ano, 5º ano, 4º ano, 2º ano e 1º ano.

A fim de verificar se a participação dos responsáveis interfere no rendimento escolar dos estudantes, foi realizada uma análise dos dados dos boletins escolares, que contam com os registros de rendimento e a frequência nas reuniões.

A análise do rendimento escolar, bem como a participação dos responsáveis nas reuniões foi quantificada na tabela 1, na qual foram estabelecidas 3 categorias de notas: abaixo de 5, de 5 à 7 e de 7 à 10. O estudante foi classificado de acordo com o critério mínimo de 70% de todas as notas, em todas as disciplinas, na mesma categoria. Após esta classificação foi anotado o número de presenças dos seus responsáveis em uma das 5 categorias de presença: 0 presença, 1 presença, 2 presenças, 3 presenças e 4 presenças. Além disso, foi criada a tabela 2 para avaliar o rendimento escolar do estudante e a presença dos responsáveis nas reuniões escolares. No caso dos estudantes em que havia a necessidade de aprovação pelo conselho, uma vez que o conselho determina se o estudante terá que refazer o ciclo ou se poderá concluí-lo, criou-se 3 categorias referentes a aprovação: aprovado, aprovado por meio do conselho e retido. A frequência dos responsáveis foi registrada no mesmo modelo da tabela 1.

	Nº de alunos	Presenças dos pais				
		0	1	2	3	4
Abaixo de 5						
5 à 7						
7 e 10						
Total						

Tabela 1: Rendimento escolar e frequência nas reuniões.

	Nº de alunos	Presenças dos pais				
		0	1	2	3	4
Aprovado						
Aprovado conselho						
Reprovado						
Total						

Tabela 2: Aprovação escolar e frequência nas reuniões.

Por conta dos critérios de avaliação, só foi possível estabelecer a relação entre a participação dos responsáveis e rendimento escolar no ciclo autoral, uma vez que o ciclo de alfabetização e interdisciplinar utiliza portfólio como instrumento de avaliação. Portanto, os dados desses outros dois ciclos foram utilizados somente como comparativo de frequência dos responsáveis entre os ciclos. Para quantificar a presença dos responsáveis foi analisada a lista de presença das reuniões, onde se anotou o número de presença dos responsáveis em uma das 5 categorias de presença: 0 presença, 1 presença, 2 presenças, 3 presenças e 4 presenças.

Número de presenças	0	1	2	3	4	Total
Frequência dos pais						

Tabela 3: Frequência

3. Resultados e Discussão

3.1. Sobre a frequência nas reuniões e o rendimento escolar.

A análise dos dados mostrou que a frequência dos responsáveis nas reuniões escolares varia de turma para turma no mesmo ciclo, como pode ser observado nas turmas de 9º anos. Enquanto no 9ºB, 31% dos responsáveis participaram 1 vez, 39% participaram 2 vezes e apenas 4% participaram 3 e 4 vezes das reuniões (gráfico 1 e tabela 1). No 9º A, 23% participaram 3 vezes, 22% participaram 4 vezes, 16% participaram 1 vez e 19% participaram 2 vezes (gráfico 2 e tabela 2). Isto mostra que a participação dos responsáveis não é a mesma para cada uma das turmas, tendo particularidades e perfis para cada uma delas.

Em relação ao perfil das turmas, segundo os professores, o 9º A apresenta um melhor rendimento escolar quando comparada ao 9ºB. Este relato colabora com os dados aqui obtidos, no qual foi possível observar que pelo menos 32% dos alunos do 9ºA obtiveram notas superiores a 7 em comparação aos 17% dos alunos do 9ºB, (gráficos 1 e 2 e tabelas 1 e 2).

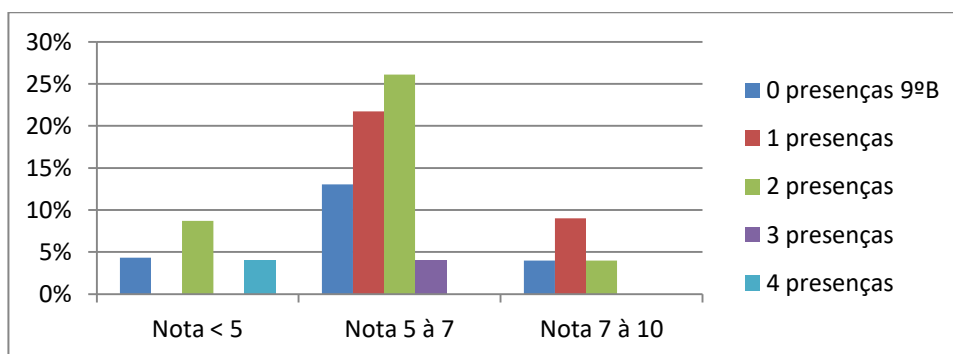


Gráfico 1 - A frequência dos responsáveis e o rendimento escolar do 9ºB.

9ºB	Nota < 5	Nota 5 à 7	Nota 7 à 10
0 presenças	4%	13%	4%
1 presenças	0%	22%	9%
2 presenças	9%	26%	4%
3 presenças	0%	4%	0%
4 presenças	4%	0%	0%

Tabela 1 - A frequência dos responsáveis e o rendimento escolar do 9ºB.

Além disso, foi possível observar que a grande maioria dos 32% dos alunos do 9ºA que obtiveram notas superiores a 7, são aqueles em que os responsáveis possuíam maior frequência nas reuniões, em que 70% desses responsáveis participaram de todas ou de pelo menos 75% delas (gráfico 2 e tabela 2).

Os dados confirmam que a participação dos responsáveis nas reuniões influencia diretamente em seu rendimento escolar, uma vez que os responsáveis acompanham o rendimento escolar dos filhos, eles podem cobrar mais responsabilidade e dedicação nos estudos. Os responsáveis mais frequentes são aqueles em que os estudantes apresentam um melhor rendimento escolar.

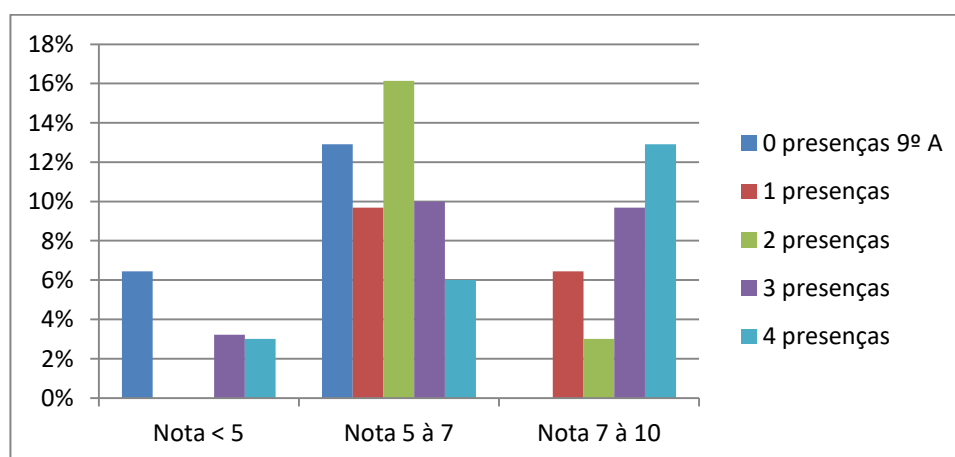


Gráfico 2 - A frequência dos pais e o rendimento escolar do 9ºA.

9º A	Nota < 5	Nota 5 à 7	Nota 7 à 10
0 presenças	6%	13%	0%
1 presenças	0%	10%	6%
2 presenças	0%	16%	3%
3 presenças	3%	10%	10%
4 presenças	3%	6%	13%

Tabela 2 - A frequência dos pais e o rendimento escolar do 9ºA.

Os dados mostraram ainda, que em muitas turmas, como foi o caso do 8ºB, ocorreu um grande número de reprovações, em que 30% dos alunos desta sala obtiveram rendimento inferior a 5 e em função disso terão que refazer o ciclo. Ao analisar a frequência dos responsáveis pudemos observar que 50% deles nunca compareceram a uma reunião na escola e que 20% deles compareceram em apenas 1 reunião, geralmente na última, o que

também demonstra uma ausência total no acompanhamento escolar dos estudantes (gráfico 3 e tabela 3).

Ao perguntar aos professores sobre o perfil dessa sala eles descreveram uma turma com grande número de alunos faltosos e com baixo rendimento escolar. Os alunos faltosos foram reprovados por falta e nota. Esta informação colabora com as categorias aqui instigadas, em que o baixo acompanhamento da frequência e do desempenho escolar por parte dos responsáveis, fizeram com que esses alunos tivessem um péssimo desempenho escolar e a sua reprovação. Porém esse baixo rendimento escolar pode ter outros fatores não investigados nesse trabalho, devido a complexidade do assunto.

Esse fato pode ser um dos indicativos revelados por essa pesquisa que mostra que os alunos que não tem uma participação ativa dos seus pais no acompanhamento do seu desenvolvimento educacional, são os alunos com o pior rendimento escolar, fazendo com que esses alunos fracassem no âmbito escolar e acabem tendo que refazer o mesmo ano. O fracasso educacional destes alunos podem ter diversas outras origens não investigadas aqui, e apresentam uma grande complexidade. Mas o que se sabe é que após alguns anos nessa situação esses alunos são os responsáveis pelo alto índice de abandono escolar da rede municipal de educação de São Paulo.

Em todos os anos do ciclo autoral os responsáveis que participaram de ao menos 50% das reuniões os estudantes apresentaram um desempenho escolar intermediário, se apropriando do conhecimento mínimo, notas entre 5 e 7, representado cerca de 30 a 40% dos estudantes nesta categoria.

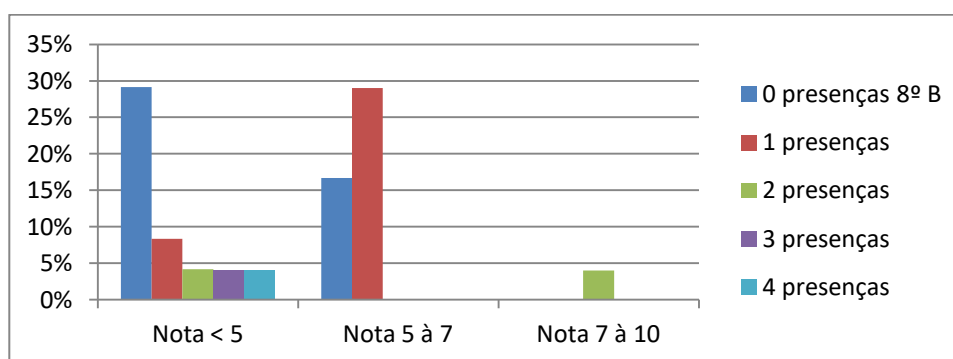


Gráfico 3 - A frequência dos pais e o rendimento escolar do 8ºB.

8º B	Nota < 5	Nota 5 à 7	Nota 7 à 10
0 presenças	29%	17%	0%
1 presenças	8%	29%	0%
2 presenças	4%	0%	4%
3 presenças	4%	0%	0%
4 presenças	4%	0%	0%

Tabela 3 - A frequência dos pais e o rendimento escolar do 8ºB.

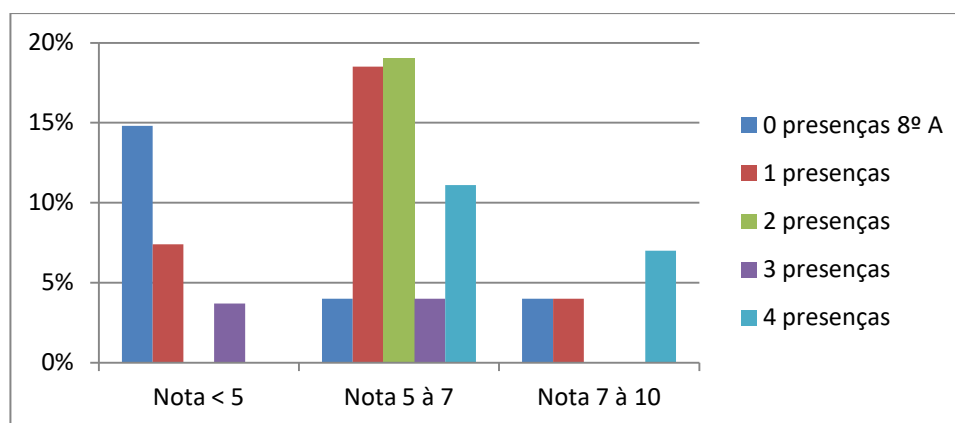


Gráfico 4 - A frequência dos pais e o rendimento escolar do 8ºA.

8º A	Nota < 5	Nota 5 à 7	Nota 7 à 10
0 presenças	15%	4%	4%
1 presenças	7%	19%	4%
2 presenças	0%	19%	0%
3 presenças	4%	4%	0%
4 presenças	0%	11%	7%

Tabela 4 - A frequência dos pais e o rendimento escolar do 8ºA.

Os gráficos mostraram um aspecto muito preocupante sobre o acompanhamento do rendimento escolar dos estudantes no ciclo Autoral, em que no 9º ano 19% e 22% dos responsáveis nunca foram a uma reunião escolar, no 8º ano estes índices são ainda piores, alcançando de 23% a 46% e no 7º ano entre 16% e 22%. Estes dados são agravados ainda mais quando somados a presença em apenas uma reunião, sendo que no 9º ano entre 16% e 31%, no 8º ano entre 30% e 37% e no 7º ano entre 15% e 27% (tabelas 1, 2, 3, 4, 5 e 6).

Os dados mostram que a partir do 7º ano os responsáveis diminuem sensivelmente a sua participação nas reuniões escolares, em que no 7º ano 27% e 55% dos pais participam de 3 ou 4 reuniões, sendo que no 8º ano esse número cai para 8% e 26% e no 9º ano entre 8% e 45% de frequência.

Este fato pode explicar o porquê em alguns poucos casos ocorre dos estudantes terem um ótimo rendimento escolar e uma baixa frequência dos responsáveis em suas reuniões. Talvez isto ocorra por conta de uma frequência maior dos responsáveis em anos anteriores. Após anos de acompanhamento os responsáveis constroem uma lógica errônea de que o apoio e mediação já dispensada são suficientes para o bom desempenho escolar.

Ao contrário disso, em outros casos, que os estudantes contam com alta participação de seus responsáveis em suas reuniões, mas mesmo assim apresentam um baixo rendimento escolar. Esses dados nos revelam que a participação dos pais é muito importante, contudo existem diversos outros fatores não investigados por esse trabalho que fogem ao simples acompanhamento dos pais. Uma investigação completa do histórico escolar e familiar, incluindo os problemas com indisciplina desses alunos, entre diversos outros fatores podem nos fornecer dados importantíssimos na elaboração de futuras políticas públicas.

De acordo com Winnicott (2001), os problemas disciplinares são estratégias psíquicas que têm por objetivo preservar a criança. Comportamentos antissociais, como: agressão, rebeldia e baixo rendimento escolar, são tentativas de pedidos de ajuda para algum fator social em sua vida.

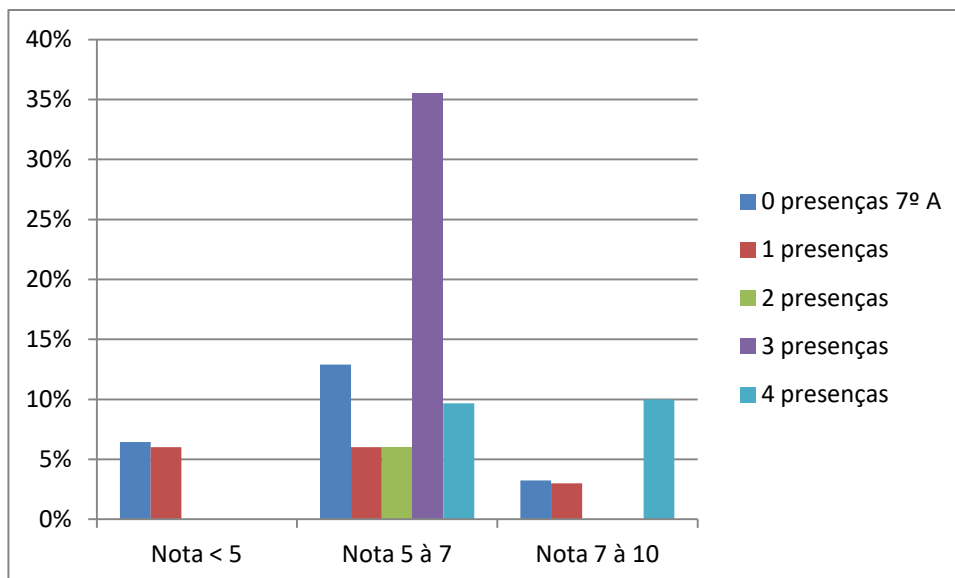


Gráfico 5 - A frequência dos pais e o rendimento escolar do 7ºA.

7º A	Nota < 5	Nota 5 à 7	Nota 7 à 10
0 presenças	6%	13%	3%
1 presenças	6%	6%	3%
2 presenças	0%	6%	0%
3 presenças	0%	35%	0%
4 presenças	0%	10%	10%

Tabela 5 - A frequência dos pais e o rendimento escolar do 7ºA.

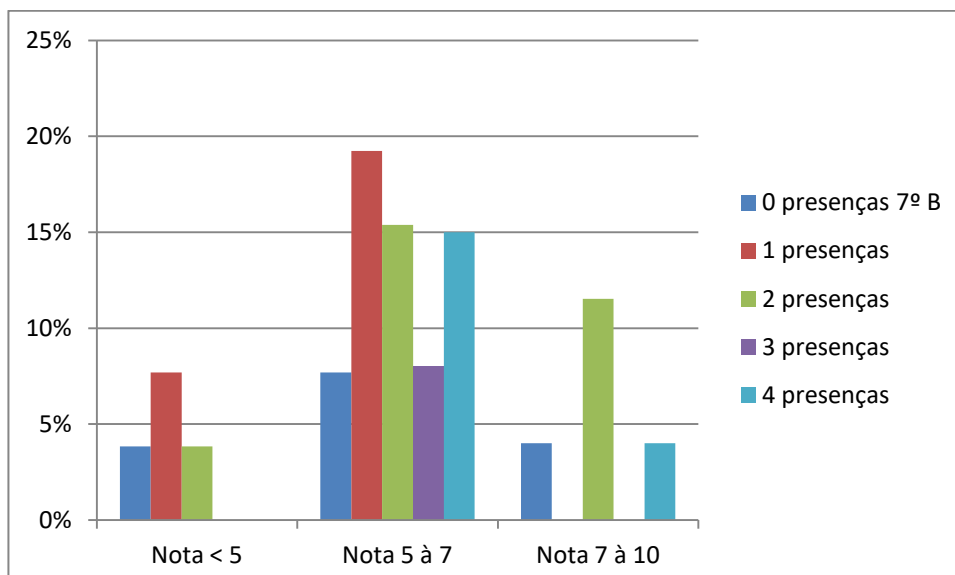


Gráfico 6 - A frequência dos pais e o rendimento escolar do 7ºB.

7º B	Nota < 5	Nota 5 à 7	Nota 7 à 10
0 presenças	4%	8%	4%
1 presenças	8%	19%	0%
2 presenças	4%	15%	12%
3 presenças	0%	8%	0%
4 presenças	0%	15%	4%

Tabela 6 - A frequência dos pais e o rendimento escolar do 7ºB.

3.2. A frequência dos responsáveis nas reuniões em todos os ciclos escolares

A análise dos resultados sobre a frequência dos responsáveis em todos os ciclos escolares do ensino fundamental mostrou que a participação dos responsáveis no acompanhamento do rendimento escolar dos estudantes ao longo das reuniões é maior nos ciclos de alfabetização e interdisciplinar, quando comparado ao ciclo autoral. Esta participação diminui drasticamente a partir do 7º ano.

Foi possível verificar que as turmas com maior participação dos responsáveis nas reuniões são as turmas do ciclo interdisciplinar do 5º ano, na qual mais de 50% de todos os pais compareceram a todas as reuniões (gráfico 7). Esta informação contribui para a afirmação de que a participação dos responsáveis pode ser um dos motivos que influenciam diretamente em seu rendimento escolar, uma vez que os alunos do 5º ano tiveram um bom desempenho na prova Brasil, em que o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) da escola ficou em 5,8 (tabela 7). Esse desempenho é maior que a meta nacional de educação para esse ano e muito próximo da meta nacional para o ano de 2021 que é 6. Mas o acompanhamento não é o único motivo pelo bom desempenho destes alunos nessas avaliações, e diversos outros fatores não investigados podem influenciar como: O número de alunos por sala, o trabalho do professor e os vínculos estabelecidos por este entre outros fatores.

Este gráfico apresenta ainda um dado preocupante para a educação, cerca de três em cada dez responsáveis dos alunos do 1º e 2º anos do ciclo de alfabetização comparecem em apenas uma ou em nenhuma reunião escolar.

Estas informações são terríveis do ponto de visto educacional, justamente porque esse é um período crucial para o desenvolvimento educacional da criança, que determinará seu processo de ensino-aprendizagem nos anos seguintes (gráfico 7).

Agindo desta forma eles mostram claramente aos estudantes a importância que dão para o conhecimento, para a escola e para a circulação de informação. Desta forma, o vínculo com o conhecimento se torna empobrecido em relação ao objeto de conhecimento, à escola e à circulação da informação (FERNÁNDEZ, 1991).

Estes dados colaboram para justificar o péssimo desempenho educacional dos alunos nas avaliações nacionais e internacionais de educação sobre o processo de alfabetização e matemática. A falta de uma participação ativa dos responsáveis no acompanhamento do desenvolvimento escolar pode ser um dos indicadores do baixo desempenho. Os dados do IDEB apontam que 27% e 34% dos alunos tiveram um rendimento escolar insuficiente (tabela 9).

Este déficit é carregado nos anos seguintes e se agrava seriamente, uma vez que estes estudantes não conseguem construir novos significados e sentidos naquilo que precisa ser aprendido. A aprendizagem é um processo ativo, que requer a aquisição de padrões e conteúdos, que devem receber uma atribuição de significados naquilo que é aprendido. Diversas falhas podem ser descritas durante esse processo, o que acaba contribuindo para um processo de ensino-aprendizagem pouco atrativo e significativo. Este contexto impede que os estudantes se sintam capazes de aprender, estimulados pelo conhecimento (FERNÁNDEZ, 1991).

O ideal seria que esse estudante pudesse ser acompanhado pelos responsáveis, assistido pelos professores, além de outros especialistas, quando necessário. As atividades de recuperação de estudos precisam ser garantidas, a fim de que seja possível sanar suas dificuldades atribuindo novos significados naquilo que é aprendido.

Talvez essa grande ausência esteja relacionada a um baixo nível socioeconômico dos pais, que de acordo com Marques (2002), apresentam dificuldades ou se sentem inseguros de participarem do currículo escolar. Os conflitos e limitações na sua participação podem ser produtos de sua imagem negativa como pais, de sua própria experiência escolar ou de um sentimento de inadequação em relação à aprendizagem. Tais problemas são agravados, ainda mais, pela ausência ou pela ineficácia de um programa ou projeto que integre responsáveis e professores, em um sistema de colaboração. A desigualdade social também é uma variável importante, que precisa ser considerada nas propostas de integração entre comunidade e unidade escolar.

As limitações socioeconômicas dos responsáveis também são um ponto de análise importante, tanto para o comparecimento às reuniões quanto ao cuidado com a frequência dos estudantes. Em 2015, ao menos 15 alunos do 1º ano foram considerados desistentes pelo não comparecimento a unidade escolar.

Apesar das constantes tentativas de aproximação e orientação quanto à frequência dos estudantes, são poucos os casos solucionados de maneira efetiva, mesmo após encaminhamento para o Conselho Tutelar, as devolutivas recebidas do Conselho Tutelar também são insuficientes.

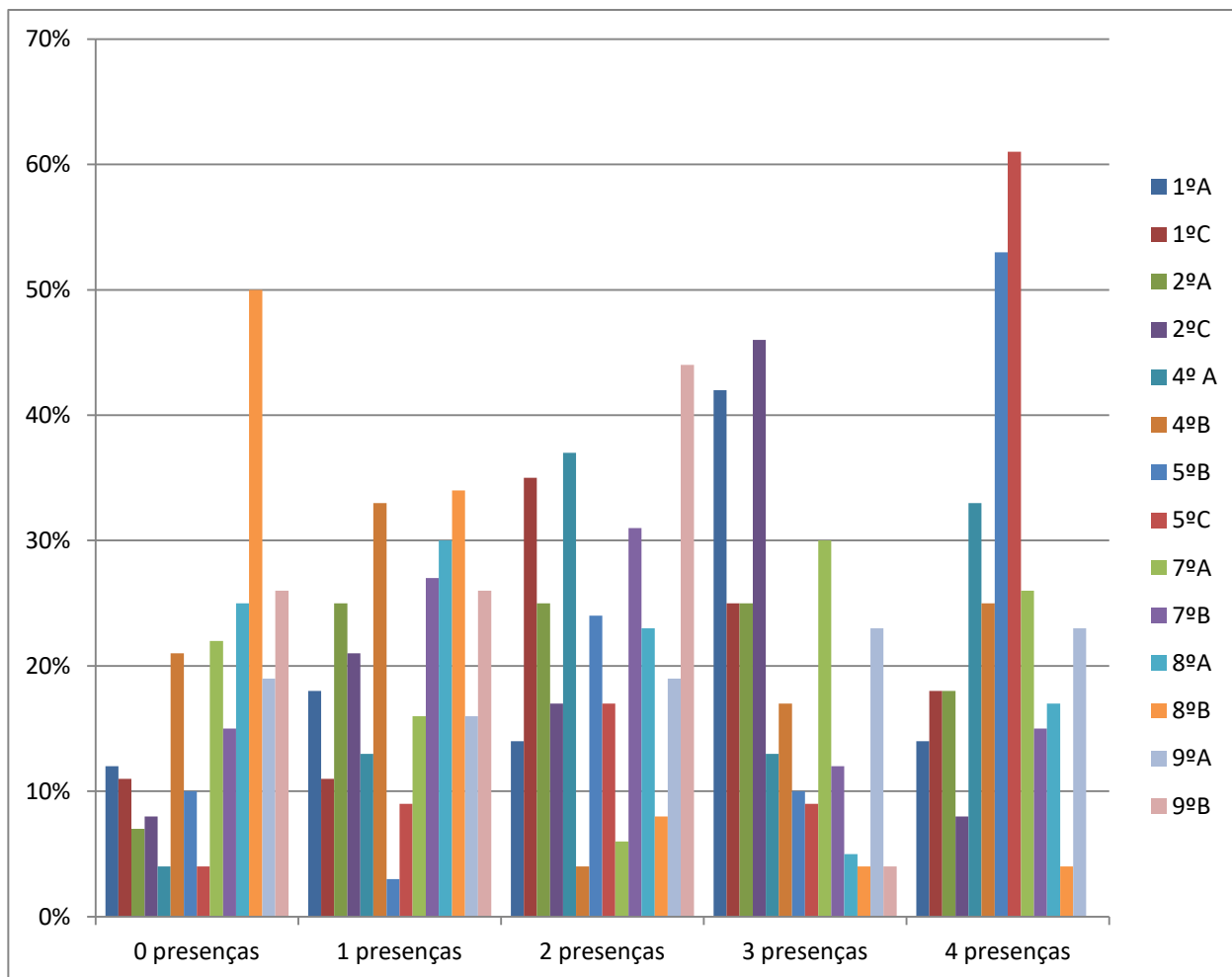
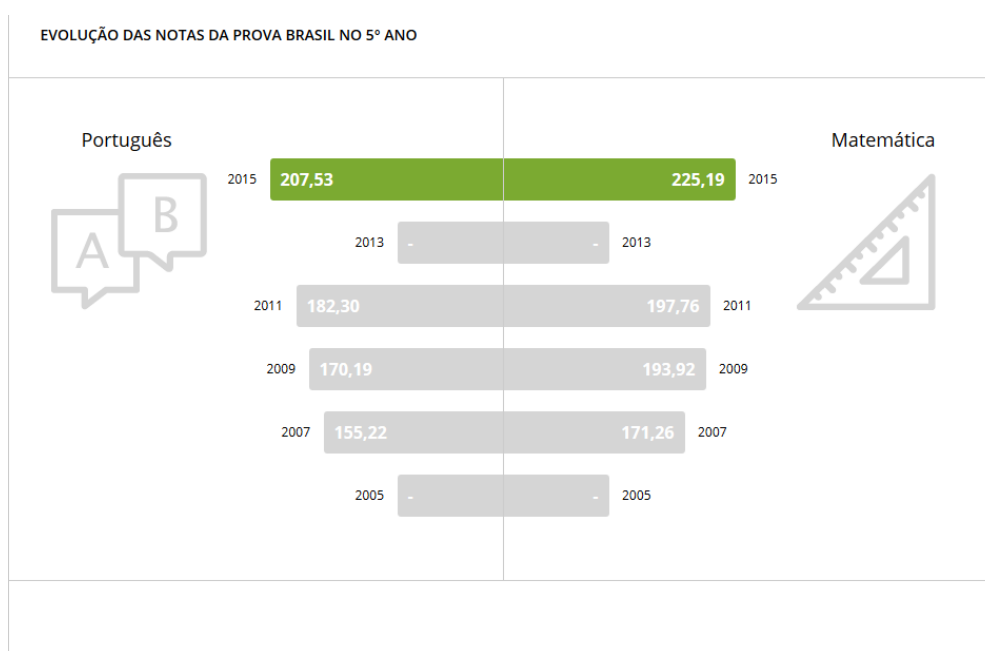


Gráfico 7 - Esse gráfico mostra a frequência dos pais na reuniões ao longo dos diversos anos escolares.



Fonte: QEduc.org.br. Dados do Ideb/Inep (2015).

As médias não são comparáveis entre si.

Tabela 7: Dados do IDEB da EMEF. Cel. Palimércio de Rezende sobre o rendimento escolar (ver tabela 9),

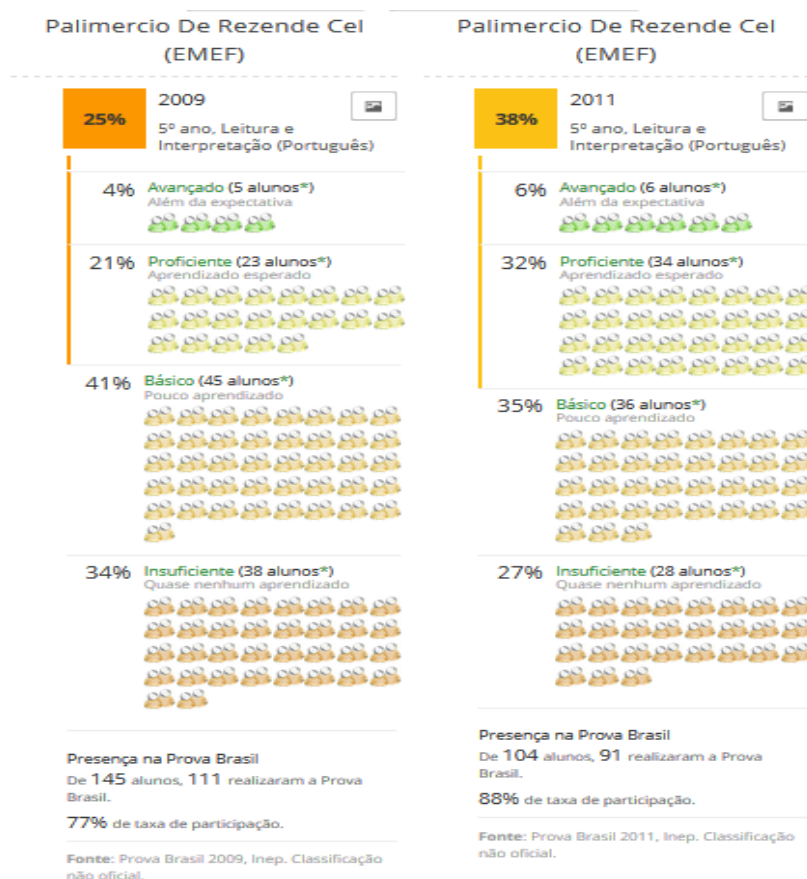


Tabela 8: Dados do IDEB da EMEF. Cel. Palimércio de Rezende sobre o rendimento escolar.

3.3. A frequência nas reuniões e a aprovação escolar.

A análise dos dados permitiu identificar que os estudantes que são aprovados pelo conselho de escola, ou seja, que possuem um desempenho escolar inferior a 5 em pelo menos três disciplinas, apresentam uma maior ausência de seus pais nas reuniões escolares. Cerca de 20 a 30% dos alunos do ciclo autoral são aprovados pelo conselho, em que a ausência total dos responsáveis ou a participação em uma reunião chega a 80% dos alunos que são aprovados pelo conselho (gráficos 8, 9, 10, 11, 12 e 13).

É possível observar ainda, que os estudantes que são aprovados diretamente apresentam uma grande participação dos seus responsáveis, em

pelo menos três e quatro reuniões, essa participação chega entre 50% e 70% dos estudantes que são aprovados.

Em quase todos os anos do ciclo autoral os responsáveis que participam ao menos da metade de todas as reuniões possuem um envolvimento parcial no acompanhamento do estudante, o que reflete num desenvolvimento escolar intermediário, em que o número de aprovações é maior do que o número de aprovados pelo conselho e retidos.

Os gráficos mostraram que os alunos retidos são aqueles que os responsáveis deixaram de participar de todas as reuniões ou participaram apenas em 1 reunião (gráficos 8, 9, 10, 11, 12 e 13).

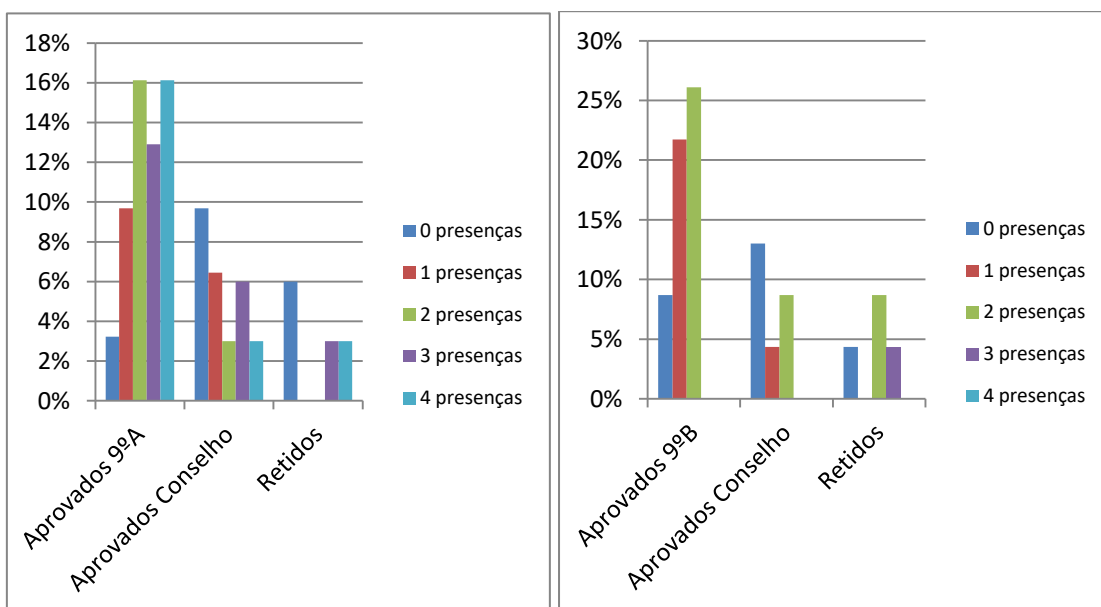


Gráfico 8 e 9 - A frequência dos pais e a aprovação escolar no 9ºA e 9ºB.

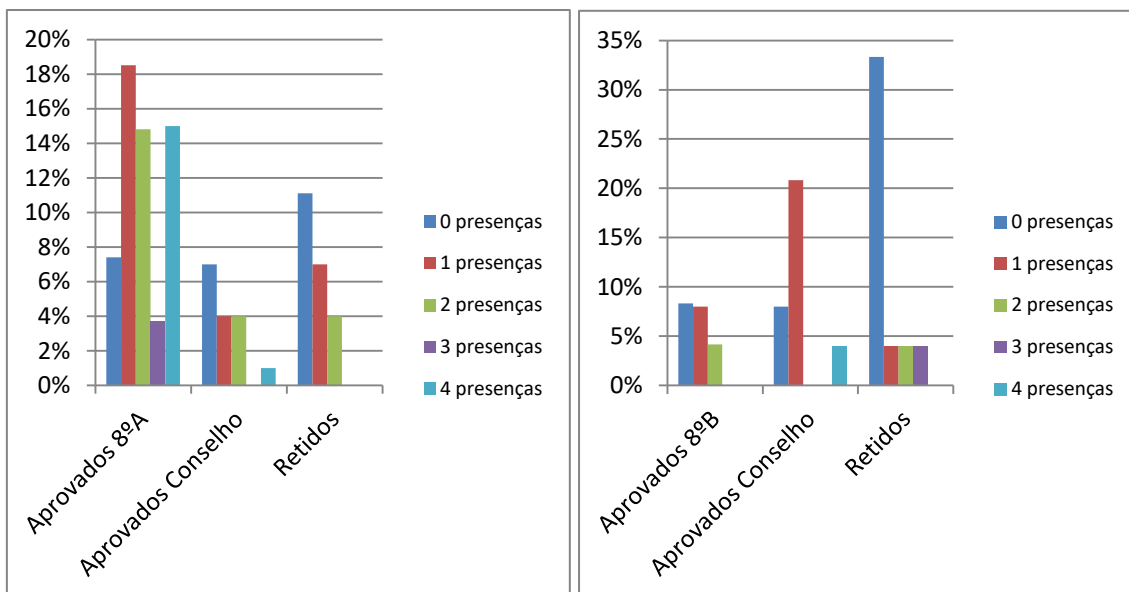


Gráfico 10 e 11 - A frequência dos pais e a aprovação escolar no 8ºA e 8ºB.

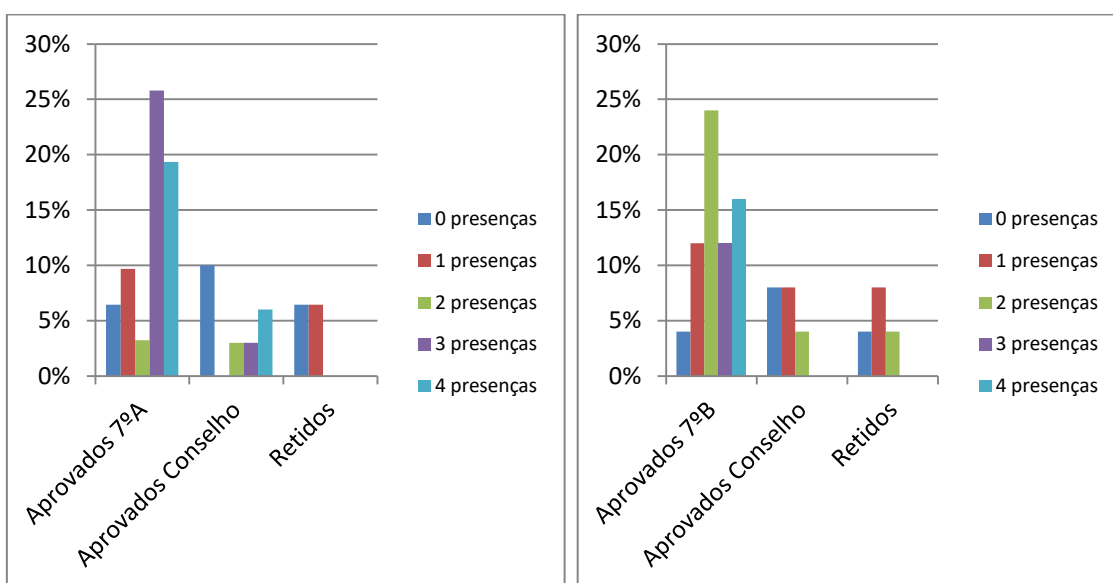


Gráfico 12 e 13 - A frequência dos pais e a aprovação escolar no 7ºA e 7ºB.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a análise dos dados podemos considerar que a presença dos responsáveis nas reuniões influencia diretamente no rendimento escolar e na aprovação. Os responsáveis mais frequentes são aqueles que os alunos apresentam rendimento escolar maior que sete.

Em poucos casos acontece dos alunos terem um ótimo rendimento escolar e uma baixa frequência dos responsáveis em suas reuniões. Talvez esse fato ocorra por conta de uma frequência maior deles em anos anteriores. Após anos de acompanhamento do desenvolvimento do estudante e ao observarem um bom desempenho dos filhos, os responsáveis se descuidam, porque confiam que as bases de autonomia e capacidade para o estudo já foram desenvolvidas.

Podemos concluir também que os responsáveis com nenhuma frequência ou com 1 participação podem influenciar diretamente num rendimento escolar inferior a cinco, ocasionando o fracasso escolar e conseqüentemente a sua retenção. O fracasso educacional destes alunos podem ter diversas outras origens não investigadas aqui, e apresentam uma grande complexidade..

Em alguns casos, os responsáveis têm uma alta participação nas reuniões, mas mesmo assim, os filhos apresentam um rendimento escolar inferior a 5. Geralmente nesses casos os estudantes apresentam sérios problemas disciplinares ou graves problemas de aprendizagem. Isso mostra que a maioria dos responsáveis nesta situação não sabe o que fazer e nem a quem recorrer, para promover uma ação que solucione os problemas relacionados ao comportamento e à aprendizagem. Esses dados nos revelam que a participação dos pais é muito importante, contudo existem diversos outros fatores não investigados por esse trabalho que fogem ao simples acompanhamento dos pais.

Consideramos que os responsáveis que participam de pelo menos metade de todas as reuniões os seus filhos apresentam um desenvolvimento escolar intermediário, com rendimento escolar entre cinco e sete. Além do número de aprovações diretas serem maiores do que o número de aprovados pelo conselho e retidos.

A frequência dos responsáveis é maior nos ciclos de alfabetização e interdisciplinar quando comparado ao ciclo autoral, no qual esta participação diminui drasticamente a partir do 7º ano.

Os resultados indicam um sério problema para a educação básica, cerca de três em cada dez responsáveis pelos alunos do ciclo de alfabetização e interdisciplinar e metade dos responsáveis pelos estudantes do ciclo autoral comparecem em apenas uma ou nenhuma reunião.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

AMAZONAS, M. C. L. A., Damasceno, P. R., Terto, L. M. S., & Silva, R. R. 2003. **Arranjos familiares de crianças de camadas populares**. Psicologia em Estudo, 8(especial), 11-20.

CASARIN, N. E. F. 2007. **Família e aprendizagem escolar**. Pós-graduação em Educação em ciências e matemática, Faculdade de Física da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

DAVIES, D; JOHNSON, V. 1996. **Crossing boundaries: Multi-National action research on family-school collaboration**. Boston. Center on Families, Communities, Schools and Children`s Learning.

EIZIRIK, C. 2001. **O ciclo da vida humana**. Porto Alegre: Artmed.

FERNÁNDEZ, A. 1991. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artmed.

FERREIRO, E. 1994. **Luria e o desenvolvimento da escrita na criança**. Cad Pesq., São Paulo, nº88, p.72-77, fev.

KREPPNER, K. (2000). **The child and the family: Interdependence in developmental pathways**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 16(1), 11-22.

POLONIA, A.C; DESSEN, M.A. 2005. **Em Busca de uma compreensão das relações entre família e escola, relações família-escola**. Psicologia Escolar e Educacional, Volume 9, Nº 2, pg. 303-312.

MARQUES, R. (2002). **O envolvimento das famílias no processo educativo: Resultados de um estudo em cinco países**. Retirado em 14 de dezembro de 2016, de <http://www.eses.pt/usr/Ramiro/Texto.htm>

TIBA, I. 1996. **Disciplina: o limite na medida certa**. 2. ed. São Paulo: Gente

VYGOTSKY, L. V. 1991. **A formação social da mente**. São Paulo, SP: Martins Fontes.

WINNICOTT, D. W. 2001. **A Família e o Desenvolvimento Individual**. Ed. Martins Fontes.

Os dados do IDEB da EMEF. Cel Palimério de Rezende estão disponíveis em: <http://www.qedu.org.br/escola/194388-emef-palimercio-de-rezende-cel/ideb?dependence=3&grade=3&edition=2015> (Visitado em 13/12/2016).